

COBERTURA VACINAL E CONCEPÇÃO DOS ACADÊMICOS DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS/EaD/IFAL

Danielle dos Santos Tavares Pereira¹; Kenneth Douglas da Silva Moura²; Josué da Cruz Silva³; Sidrania Maria da Silva⁴; Francinalva Cordeiro de Sousa⁵

^{2,3,4}*Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas/EaD/UaB/IFAL;*

^{1,5}*Docentes do Instituto Federal de Alagoas/ Campus Murici*

Resumo: O objetivo deste trabalho foi identificar a cobertura vacinal e conhecer as concepções dos acadêmicos de Licenciatura em Ciências Biológicas/EaD/IFAL, sobre imunização. Este estudo trata-se de uma pesquisa epidemiológica, exploratória, com abordagem qualitativa. A população de estudo foi constituída por acadêmicos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, na modalidade à distância, do Instituto Federal de Alagoas, regularmente matriculados no oitavo período. O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário semiestruturado, aplicado e recolhido por um pesquisador. Encerrada as entrevistas, os dados foram analisados com auxílio do programa Excel[®]. Dentre os 20 acadêmicos participantes, 69,565 % eram do sexo feminino e 30,435 % do sexo masculino, com renda familiar média entre um a dois salários mínimos. A identificação da situação vacinal dos acadêmicos, revelou uma maior cobertura vacinal para dT (87 %), seguida da vacina contra a Hepatite B (78 %) e antimalárica (17 %). Quando questionados em que momento os temas referentes à saúde devem ser abordado no ambiente da sala de aula, 78,261 % afirmaram que a partir do ensino fundamental I. Quando questionados sobre as afirmativas que abordavam conceitos básicos de imunização, os acadêmicos excitaram principalmente, nas questões sobre: *i*) a imunização ativa (39,131 %); *ii*) imunização passiva (52,174 %); e *iii*) distribuição das imunoglobulinas (34,783 %) no corpo humano. Com base nos resultados verificamos a deficiente concepção sobre imunologia apresentada pelos acadêmicos de Ciências Biológicas, o que enfatiza a necessidade de uma formação mais eficaz na formação docente no que se refere à imunização.

Palavras-Chave: Imunização, Educação em Saúde, Ciências Biológicas.

Introdução

As vacinas têm como objetivo a imunização. No entanto, apesar de todas as vacinas integrantes do Programa Nacional de Imunização encontrar-se disponíveis nos serviços de saúde, o seguimento do calendário de vacinação é menos observado pelo público adolescentes e adultos em relação ao acompanhamento mantido pelo responsável pelas crianças, a despeito da sua extrema importância, não só para a correção das falhas da vacinação na infância, mas

para a prevenção de males ainda mais exacerbados quando contraídos na idade adulta (OLIVEIRA et al., 2009).

Segundo Tones & Tilford (1994) *apud* BUSS (1999), a educação em saúde pode ser definida como quaisquer atividades, relacionada com aprendizagem, elaborada com a finalidade de promover a saúde. A Educação em saúde pode ser desenvolvida através do aconselhamento interpessoal, em locais como consultórios, escolas etc., como também de modo impessoal, através da comunicação em diversas mídias. Em outras palavras, a educação em saúde possibilita a práxis de saberes e habilidades voltadas ao desenvolvimento humano, visando à melhoria da qualidade de vida.

Para Buss (1999) embora a educação em saúde interpessoal seja indiscutivelmente efetiva quando praticada por profissionais bem treinados, sua capacidade para produzir mudanças rápidas na saúde é limitada. Isto se deve, possivelmente, ao modelo de ensino fragmentado e conservador, adotado no Brasil, que restringe ao aluno o cumprimento de tarefas repetitivas, sem sentido ou significado, valorizando somente a reprodução do conhecimento e, conseqüentemente formando apenas repetidores (PEDRANCINI et al., 2007).

Para tanto, é de fundamental importância que o docente possua o conhecimento científico necessário, sobre a temática saúde (que inclui a imunização/vacinação), para que haja a formação adequada de seus educandos. Neste contexto, este estudo visou identificar a cobertura vacinal, bem como conhecer as concepções dos acadêmicos de Licenciatura em Ciências Biológicas, na modalidade à distância, do Instituto Federal de Alagoas, sobre imunização.

Material & Métodos

Este estudo trata-se de uma pesquisa epidemiológica, exploratória, com abordagem qualitativa.

A população de estudo foi constituída por acadêmicos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, na modalidade à distância, do Instituto Federal de Alagoas. Os acadêmicos foram informados sobre a pesquisa e convidados a participar deste estudo, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário semiestruturado, aplicado e recolhido por um pesquisador. Dentre as variáveis analisadas destacam-se: *i*) as características socioeconômica dos participantes; *ii*) identificação da cobertura vacinal; e *iii*) avaliação conhecimento sobre imunização.

Encerrada as entrevistas, que ocorreu no encontro presencial realizado no dia 14 de dezembro de 2013, no polo de educação a distância do município de Maragogi/AL, os dados foram agrupados, em tabelas e gráfico, utilizando o programa Excel®.

Resultados & Discussão

Em relação ao perfil demográfico dos acadêmicos de Licenciatura em Ciências Biológicas, modalidade a distância, verificou-se que a idade variou entre 21 a 41 anos, com média de 30,42 anos e desvio padrão igual a 6,03 anos (**Tabela 1**). Do total da amostra 16 (69,565 %) eram do sexo feminino e 7 (30,435 %) do sexo masculino.

Quanto à distribuição de renda familiar, 16 participantes (69,565 %) afirmaram possuir renda mensal total entre um a dois salários mínimos. Algumas pesquisas indicam que o maior percentual de cobertura vacinal compreende famílias de menor poder aquisitivo.

A análise da cobertura vacinal dos acadêmicos em Ciências Biológicas revelou que 100 % dos entrevistados reconhecem a importância da imunização na prevenção de doenças infectocontagiosas. Destes apenas 13,044 % não possuíam cartão de vacinação. Resultado semelhante foi obtido por Mattos et al. (2009), que verificaram numa amostra de 142 acadêmicos de odontologia da Universidade Federal do Espírito Santo, 78,2 % afirmaram estar em dia com a caderneta de vacinação.

Tabela 1. Dados demográficos do grupo de estudo.

Características	Número	Percentual
Sexo		
Feminino	16	69,565 %
Masculino	7	30,435 %
Idade		
21 - 26	7	30,435 %
27 - 34	10	43,478 %
35 - 41	6	26,087 %
Renda Familiar (R\$)		
< 724,00	1	4,348 %
≥ 724,00	16	69,565 %
≥ 1448,00	6	26,087 %
Total	23	100,00 %

Em relação à cobertura vacinal para a dT, verificou-se que 86,956 %, dos acadêmicos estavam imunizados contra difteria e tétano (**Figura 1**). Em consonância com o estudo realizado por Oliveira et al. (2009), sobre a situação vacinal de 55 acadêmicos de enfermagem, de uma instituição pública de João Pessoa/PB, revelou que 83,64 % dos participantes tomaram as três doses da dT.

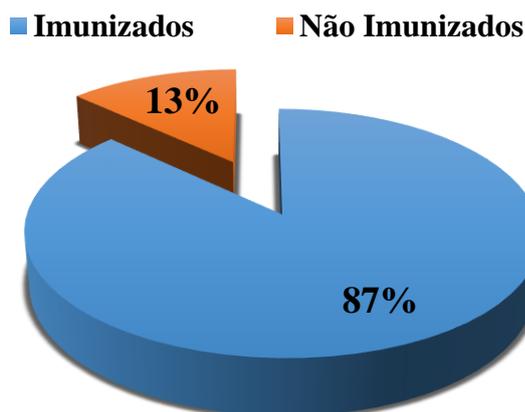


Figura 1. Cobertura Vacinal dos Acadêmicos de Licenciatura em Ciências Biológicas/EaD/IFAL, para dT.

Para Abuassi (2007) a antecipação da idade de administração do primeiro reforço de 14-16 anos para 11-12 anos aumentou a adesão e conseqüentemente reduziu a susceptibilidade dos adolescentes ao tétano e a difteria.

Com relação à vacina contra Hepatite B, 78,261 % dos acadêmicos afirmaram ter se vacinado (**Figura 2**). Esta prevalência é considerada alta, visto que a vacina contra Hepatite B só foi incorporada ao calendário vacinal em 1996, sendo liberada para uso em adolescentes em 2002 (RIBEIRO, 2002).

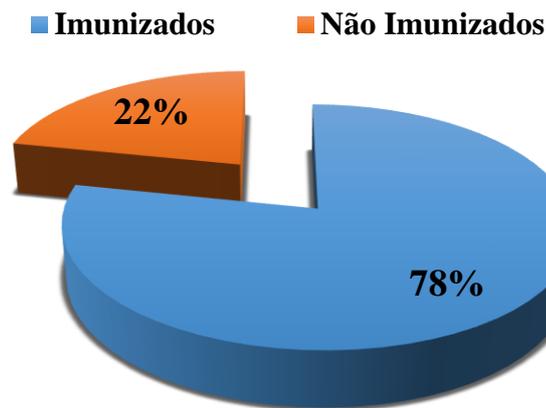


Figura 2. Cobertura Vacinal dos Acadêmicos de Licenciatura em Ciências Biológicas/EaD/IFAL, para Hepatite B.

Arent, Cunha & Freitas (2009), estudaram a situação vacinal dos estudantes de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina, no período prévio ao internato, e observaram que 43,7 % desconheciam a sua própria situação vacinal para Hepatite B, e apenas 43,3 % da amostra (n = 277) afirmam conhecer a importância da vacinação para a prevenção da Hepatite.

Em estudo realizado por Araújo, Paz & Griep (2006), sobre a situação vacinal dos profissionais de um curso de especialização em saúde da família no Piauí, verificou-se maior cobertura vacinal para Hepatite B (81,3 %), seguida da vacina antimalárica (76,7 %) e da dT (65,1 %). No nosso estudo, observamos que a cobertura vacinal contra a febre amarela foi baixa (17,392 %), devido ao fato do Estado de Alagoas não ser endêmico para esta infecção (**Figura 3**). No Brasil, estão definidas quatro áreas endêmicas ou enzoóticas em algumas regiões dos estados do Maranhão, Piauí, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004).

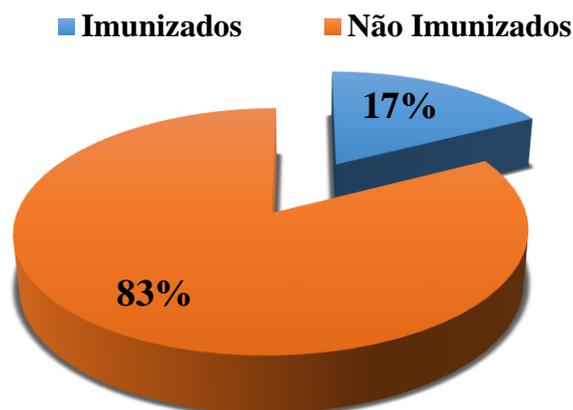


Figura 3. Cobertura Vacinal dos Acadêmicos de Licenciatura em Ciências Biológicas/EaD/IFAL, para febre amarela.

Sabe-se que o acesso à educação leva a melhores níveis de saúde e bem-estar através da disseminação dos conhecimentos de higiene e a das formas de prevenção contra as doenças infectocontagiosas (SUCCI, WICKBOLD & SUCCI, 2005). A escola é o local onde a comunidade adquire conhecimentos e informações que permite estabelecer relações interpessoais que influenciarão no seu comportamento e na sua vida social (COSTA, FERRAZ & NICÁCIO, 2012).

Quando questionados em que momento os temas referentes à saúde devem ser abordado no ambiente da sala de aula, 18 (78,261 %) afirmaram que a partir do ensino fundamental I (**Figura 4**). Para maior entendimento da população sobre a importância da vacinação, estas questões passaram a fazer parte do currículo escolar devendo ser desenvolvido nas aulas de Ciências (Fundamental I e II) e Biologia (Ensino Médio) (COSTA, FERRAZ & FERREIRA, 2012).

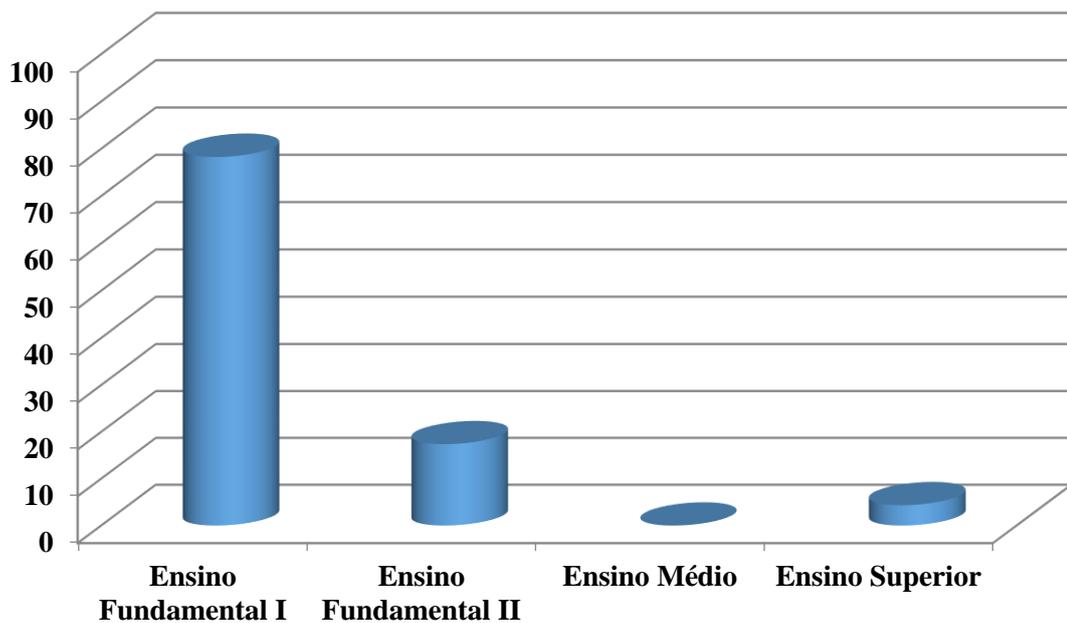


Figura 4. Concepção dos Acadêmicos de Licenciatura em Ciências Biológicas/EaD/IFAL, sobre a abordagem da educação em saúde no ambiente escolar.

No entanto, para que os alunos possam compreender essas informações e se tornem multiplicadores, o docente deve ter conhecimento científico sobre a temática abordada. Em nossa pesquisa, quando questionados sobre as afirmativas que abordavam conceitos básicos de imunização, os acadêmicos excitaram principalmente, nas questões sobre: *i*) a imunização ativa (39,131 %); *ii*) imunização passiva (52,174 %); e *iii*) distribuição das imunoglobulinas (34,783 %) (**Tabela 2**).

Quando questionados sobre a ação da *vacinação em sensibilizar o sistema imune adaptativo para os antígenos de um agente infeccioso específico*, 43,478 % dos acadêmicos discordaram desta afirmativa. Quando questionados por que discordaram, eles afirmaram que não compreenderam a afirmativa. Compreenderam que o termo *sensibilizar* remetia a *agredir*.

Tabela 2. Avaliação das concepções dos acadêmicos de Licenciatura em Ciências Biológicas/EaD/IFAL, sobre imunização.

Afirmativas	Respostas (%)		
	Concordo	Discordo	Desconheço
<i>Vacinas são antígenos de várias categorias, capazes de estimular, no organismo que os recebe, um estado de resistência parcial ou total contra uma determinada infecção.</i>	95,652	-	4,348
<i>Antígenos é toda a partícula ou molécula capaz de iniciar uma resposta imune, a qual começa pelo reconhecimento pelos linfócitos levando à produção anticorpo específico.</i>	91,304	-	8,696
<i>A vacinação visa sensibilizar o sistema imune adaptativo para os antígenos de um agente infeccioso específico.</i>	47,826	43,478	8,696
<i>Imunização é a capacidade do organismo em reconhecer o antígeno causador da doença e produzir imunidade, a partir da doença ou por meio da vacinação, ficando imunizado temporária ou permanentemente.</i>	95,652	-	4,348
<i>A imunização ativa produz uma memória imunológica semelhante à infecção natural, mas sem os riscos da doença.</i>	60,869	-	39,131
<i>A imunização passiva é uma proteção temporária e ocorre pela transferência de hemoderivados e imunoglobulinas.</i>	43,478	4,348	52,174
<i>As imunoglobulinas são proteínas solúveis presentes no plasma, secreções do trato gastrointestinal, respiratório, urogenital, que são produzidas pelos linfócitos B.</i>	52,174	13,043	34,783

Em seu estudo SUCCI, WICKBOLD & SUCCI (2005), avaliaram o conteúdo de 50 livros didáticos do ensino fundamental I e II, com edição entre 1991 a 2001, quanto aos conceitos e informações que trazem sobre vacinação, e constataram a divulgação de conceitos equivocados, como “vacinas – um tratamento preventivo” ou “as vacinas são medicamentos”. Além disso, verificaram a citação excessiva de algumas vacinas em desuso ou inexistentes como a vacina contra a varíola, cólera, dengue e febre tifoide.

Dessa forma é de fundamental importância que as práticas de educação em saúde sejam vivenciadas na escola, visando à orientação sobre os cuidados com a saúde e prevenção de doenças infectocontagiosas (MELO et al., 2013).

Conclusão

Com base nos resultados verificamos a deficiente concepção sobre imunologia apresentada pelos acadêmicos de Ciências Biológicas, o que enfatiza a necessidade de uma formação mais eficaz na formação docente no que se refere à imunização.

Referências bibliográficas

- BRASIL. Doenças Infecciosas e Parasitárias: Guia de Bolso, Volume 1, 3ª edição, pág. 151 - Ministério da Saúde Brasília/DF - junho 2004
- BUSS, P. M. Promoção e educação em saúde no âmbito da Escola de Governo em Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 15(Sup. 2):177-185, 1999.
- MATTOS, J.P.P.; ALBUQUERQUE, M.C.; PEREIRA, T.C.R.; MIOTTO, M.H.M.B. Conhecimento dos acadêmicos de odontologia da UFES quanto à vacinação das doenças infecciosas. Rev. Bras. de Pesq. em Saúde, 11(2):30-36, 2009.
- SANTOS, L.B.; BARRETO, C.C.M.; SILVA, F.L.S.; SILVA, K.C.O. Percepção das mães quanto à importância da imunização infantil. Rev Rene, Fortaleza, 12(3): 621-626, 2011.
- SUCCI, C.M.; WICKBOLD, D.; SUCCI, R.C.M. A vacinação no conteúdo de livros escolares. Ver. Assoc. Med. Bras., 51(2): 75-79, 2005.
- TONES, K. & TILFORD, S., 1994. Health Education: Effectiveness, Efficiency and Equity. London: Chapman & Hall.